

Vitória faz 440 anos e se preocupa com o futuro

AD 20373

Cláudia Feliz

Espremida entre o mar e a montanha, a cidade respira mal. Os índices de poluição diminuíram, mas Vitória ainda se enquadra entre as mais poluídas do Brasil.

Tem lindas praias, mas o mar da capital que faz hoje 440 anos de fundação, decididamente, não convida a mergulhos. O trânsito também não pode ser definido como dos mais tranquilos — haja paciência para enfrentar a lentidão na fluidez do tráfego na região central... Vitória é bonita, mesmo com seus muitos problemas. Seu futuro, contudo, preocupa. O vice-prefeito Rogério Medeiros não tem dúvidas de que é preciso, mais do que nunca, executar ações globais em toda a Grande Vitória — constituída de cinco municípios — para que a capital não se sobrecarregue ainda mais. Afinal, ela tem 300 mil habitantes quando dorme, mas mais de um milhão, durante o dia, quando circulam em suas vias e prédios pessoas das mais variadas. Vitória polariza de tudo um pouco. Não produz tantos meninos de rua quantos existem no Centro, por exemplo. Que cidade desejamos? A discussão está aberta. O Plano Diretor Urbano (PDU), criado há sete anos, já está superado, por isso vai ser revisto. Porque a cidade 'real' já difere da planejada.



Foto de Gillo Loyola

Finanças estão equilibradas

A Prefeitura de Vitória tem uma receita mensal de aproximadamente Cr\$ 3 bilhões. Conseguiu juntar um "estoque" de recursos que lhe permitirá executar obras, já planejadas, até abril do ano que vem, sem comprometimento do orçamento de 1992. Mas sua boa situação financeira não lhe permite, sozinha, arcar com a solução de todos os problemas que a cidade registra. O vice-prefeito Rogério Medeiros (PT) admite que o problema de Vitória é o futuro, e defende ações integradas. A saída estaria na criação da Região Metropolitana da Grande Vitória.

"Sem ações globais os esforços se perdem e se sobrecarrega Vitória. A classe política precisa ter essa compreensão. Os prefeitos não podem olhar, isoladamente, seus municípios, porque temos problemas comuns", diz Rogério Medeiros, que também acumula, na PMV, o cargo de secretário da Fazenda.

Situação

A PMV não tem credor, segundo o vice-prefeito. Investe entre 49% e 51% de sua receita na folha de pagamento de seus sete mil funcionários, cujos salários são reajustados com base no IPC. A única preocupação de Medeiros é com o disparo do gatilho da inflação. Em termos de desempenho, ele admite que, na capital, uma área que vai bem é a de educação.

No setor educacional a Prefeitura investe 39,8% do seu orçamento. Para a saúde vão 10% da receita. Três miniospítalis estão programados: um, já em execução, em Jardim Camburi, e os outros dois planejados para São Pedro e para uma área no cruzamento das avenidas Leitão da Silva e Rio Branco.

Na limpeza pública, Rogério Medeiros diz que a cidade também vai bem, mas admite que se faz necessária uma política educativa, que resulte na redução dos recursos aplicados no setor. Com uma visão extremamente positiva da administração da qual participa "enquadramos o Governo do Estado na área do meio ambiente, demos maturidade à cultura, melhoramos o padrão salarial do funcionalismo" — o vice-prefeito

Plano Diretor Urbano (PDU), criado há sete anos, já está superado, por isso vai ser revisto. Porque a cidade 'real' já difere da planejada.



Sem espaço para crescer, Vitória está espremida entre o mar e a montanha e tem inúmeros problemas, embora seja uma cidade bonita

Experimente caminhar por entre morros e becos da cidade. Você vai descobrir uma outra Vitória, com muitas carências infra-estruturais. Observe como, ao longo dos últimos anos, a capital cresceu de forma desordenada. Só lhe restam hoje duas pequenas áreas de expansão em Jardim Camburi e Inhanguetá — entre São Pedro e Santo Antônio — e no manguezal, uma cobertura vegetal de nove milhões de metros quadrados, o que corresponde a apenas 40% do verde original. Não fosse a proibição da ocupação do mangue decretada a partir de 1989, nem isso mais existiria.

Foi para o mangue e para os morros que a população de baixa renda migrou. Ainda hoje é possível observar a ocupação que se registra lentamente acima da cota 50, onde a fiscalização da Prefeitura não consegue frear totalmente a construção de pequenos barracos. No alto, o perigo está nas encostas de morros. Para contê-las nos pontos críticos, e realizar também um trabalho preventivo, com educação ambiental, a secretária de Obras, Cristina Sampaio, admite que seriam necessários 4 milhões de dólares.

Capacidade

Cristina Sampaio e o vice-prefeito Rogério Medeiros falam com orgulho das 101 obras já executadas e em execução — além das previstas — neste ano de 1991, pela administração municipal. A PMV investe em 11 galerias pluviais, 13 áreas de lazer, seis unidades sanitárias, 30 pavimentações e drenagens de ruas, 12 escolas e sete creches, além de outros trabalhos, como o recapeamento das principais vias da cidade. Mas, quando a chuva cai mais ou menos forte sobre a capital, o alagamento das ruas mostra toda a sua fragilidade. Vitória precisa de um sistema de bombeamento e comportas, que exige um investimento superior a Cr\$ 500 milhões. Cristina Sampaio promete que a obra será executada no ano que vem.

“A capacidade de investimento do poder público não consegue acompanhar o crescimento da cidade. Não houve contrapartida com a instalação dos grandes projetos industriais, que gerou o crescimento desordenado, com muitos problemas”, diz a secretária, com o que concorda a também secretária, do Meio Ambiente, Heloisa Dias.

Reflexos

O processo industrial, com a implantação dos grandes projetos — lê-se CST, entre outros — está intimamente relacionado com o “inchaço” populacional de Vitória e municípios vizinhos, como a Serra. Um termo de compromisso assinado pelo Governo do Estado e PMV, com a CST e a Companhia Vale do Rio Doce, já resultou em medidas que Heloisa Dias define como

elementares, e que geraram redução no nível de poluição. Mas Vitória, admite ela, é ainda uma das capitais mais poluídas do Brasil.

A situação atual é de controle dos órgãos ambientais, e as perspectivas, longe de serem negativas, se apresentam boas para os próximos anos. Atribui-se aos grandes projetos 90% da poluição registrada na cidade, e o acordo prevê adoção de medidas anti-poluíntes até 1993. Vitória, portanto, pode aguardar por uma atmosfera mais limpa no seu futuro.

É claro que não só as indústrias poluem. No trânsito caótico o problema também é registrado. A PMV, com a operação ‘Fumaça Negra’, controla a emissão dos ônibus sob o seu gerenciamento, mas quer que a mesma medida seja adotada pelas demais prefeituras da Grande Vitória. Afinal, é na capital que veículos de toda a região circulam — e os de passeio não têm controle. Junta-se a poluição atmosférica à sonora, provocada pelo ruído dos motores, além das buzinas, e o Centro vive, a cada dia, um “sufoco” maior.

Saneamento

Saindo do asfalto e olhando em direção ao mar, mais problemas. Uma estação de tratamento de esgotos, em Jardim Camburi, e a rede coletora instalada pela Cesan, em bairros da região Norte, ainda não resultaram na eliminação da poluição da praia de Camburi. Vitória, aliás, justamente por causa de falta de saneamento básico, tem belas praias, mas que se propõem apenas à observação visual. O padrão de qualidade das águas, em função das correntes marítimas, é variável.

Para se ter uma idéia do problema, basta saber que a baía de Vitória, com todo o seu bucolismo, recebe mais de 80 milhões de despejos domésticos brutos, além dos resíduos industriais e de navios. “Estações de tratamento de esgoto são a saída, mas exigem um grande investimento, que a Prefeitura, hoje, sozinha, não tem como bancar. Por isso, a gente vem adotando o que pode, com controle sobre as fossas sépticas”, diz Heloisa. Segundo ela, a melhoria na coleta e disposição final do lixo — Vitória possui um usina de reciclagem e compostagem — também contribuiu para reduzir o problema. Antes, o mangue era aterrado com lixo, levando para a baía, com o movimento das marés, uma enorme quantidade de carga orgânica.

Proteção

Os danos causados à cidade, ao longo dos anos, foram grandes. Maltrataram-na. “Perdeu-se muito em cobertura vegetal, mas os remanescentes estão protegidos por lei. Temos o Lameirão (que é área de mangue), a restinga de Camburi, as ilhas oceânicas e costeiras, e a Mata Atlântica. Queremos agora implantar unidades para

uso e proteção do Lameirão e da Fonte Grande, onde está a Mata Atlântica”, diz a secretária, que também fala sobre o Plano Diretor de Arborização de Vitória, a ser lançado no próximo dia 19.

Em busca de um ar mais puro, de mais verde, a cidade, paralelamente, padece, como os grandes centros do país, de problemas sociais visíveis — reflexo do empobrecimento da população. Capital, a cidade atrai, “em busca de melhores dias”, um número considerável de pessoas de outras regiões. Em julho, apenas pelo posto de recepção da rodoviária, passaram mais de 300 pessoas vindas do Norte e Nordeste do país, e também do interior do Estado. Principais objetivos: emprego e tratamento médico.

Na área médica essa migração é intensa. Do Sul da Bahia, Leste de Minas e interior do Espírito Santo chegam, diariamente, dezenas de pessoas em busca de atendimento nos hospitais e ambulatórios de Vitória. Os leitos nunca são suficientes para tanta gente, que se soma aos doentes locais. Nas ruas do Centro, a “cidade presépio” registra, a cada dia, a presença de mais crianças carentes e mendigos.

Vitória, porém, não produz, sozinha, esses pequenos retratos da miséria brasileira. Levantamentos da Secretaria de Ação Social do município indicam que 80% dos meninos de rua são originários de Cariacica. Os demais dividem-se entre Serra, Vila Velha e morros da Capital. Na mendicância, a maioria dos homens e mulheres é de cidade de Minas Gerais. São Pedro, a região mais carente do município, retém seus meninos, e deve reter ainda mais com a implantação de unidades micro-produtivas — fábricas de picóles e doces, e uma oficina de eletrodomésticos, que a PMV planeja implantar por lá.

Educação

Nas ruas e também nas escolas, a presença de moradores de outros municípios, em Vitória, é identificada. São seis mil matrículas “de gente de fora” envolvendo as redes estadual e privada. Por isso — e também por conta da falta de investimentos mais efetivos, no setor, no passado, há carência de vagas para muitas das crianças em idade escolar. Ao todo, são 30 escolas estaduais, 72 particulares e 63 municipais. Só a rede de ensino municipal possui 25.915 alunos. A secretária Odete Veiga garante que, em fevereiro do ano que vem, o número será ampliado em 11.592 vagas.

O déficit atual real é de 10.777 vagas na pré-escola e 15.267 no 1º grau. Até o início do ano que vem, o município vai inaugurar mais 12 novas escolas, com recursos próprios, e, no final de 1992, mais 11 deverão estar concluídas. Mas o quadro da Educação, em Vitória, segundo a secretária, é bem melhor do que o registrado no passado.

O que fazer pela cidade



■ **Vânia Sarlo**, socialite “Na Praia do Canto estão roubando sanduiche das mãos de crianças. Temos um problema sério de insegurança, mas acho, também, que se houvesse mais seriedade e mais dinheiro em circulação, o povo ficaria mais alegre. Seria possível esquecer, pelo menos em parte, a tragédia que vive o Brasil. A cidade está triste em função da queda do poder aquisitivo da população. Na minha opinião, o dinheiro gasto com a vinda do papa, em outubro, poderia ser distribuído com o nosso povo carente”.

■ **Vítor Buaiz**, prefeito de Vitória — “Precisamos tornar a cidade mais humana, e isso depende, exclusivamente, de cada cidadão, demonstrando mais solidariedade no seu dia-a-dia, com outras pessoas, sendo radical no combate à violência contra o menor, a mulher, o negro, o pobre. Que a cada amanhecer, com sol ou chuva, ao sairmos de casa, façamos três minutos de reflexão sobre a necessidade de uma mudança de atitude diante da vida e dos nossos semelhantes”.

■ **Claudionor Lopes Pereira (PDS)**, vereador mais antigo da capital, com 31 anos de mandato — “Acho que Vitória precisa de muita coisa. O saneamento básico, por exemplo, é fundamental. Mas entendo que a cidade deveria ganhar um Centro de Convenções, para poder apresentar um maior dinamismo, e também ser divulgada em outros Estados do país. Com um Centro de Convenções beneficiaríamos, diretamente a área do turismo”.



■ **Renado Pacheco**, escritor — “Tudo aqui é lindo. É mar, é montanha, a Fonte Grande em pleno Centro da cidade... Mas acho que Vitória merecia um elevado, que facilitasse o tráfego de veículos entre a Vila Rubim e o Forte São João, dois túneis, um na Rua Sete de Setembro e outro na Graciano Neves, e ainda uma ponte, ligando a capital a Cariacica, na altura da Ilha da Pólvora. Os problemas da cidade são inúmeros, mas o congestionamento de tráfego é um dos mais graves”.

■ **Natércia Lopes**, cantora lírica — “Já me dei tanto à cidade, oferecendo meu amor, minha voz, meu carinho... Como artista, acho que Vitória precisa de mais um teatro de espetáculos e um outro espaço, para cursos, com funcionamento efetivo. Precisamos também de cabeças brilhantes, inteligentes; basta de gente analfabeta. Vive-se aqui um marasmo cultural, por falta de pessoas inteligentes, que interpretem bem os fatos”.

■ **Zuca Coser**, gerente administrativa da Unicafe — “Vitória precisa de um trânsito melhor, para que possamos ter mais qualidade de vida. Às sextas-feiras e, em dias de chuva, já viu como é difícil circular no Centro? O trânsito precisa ser reordenada para que também haja redução nos níveis de poluição, tanto atmosférico quanto visual. A Jerônimo Monteiro é uma avenida linda, mas o caos no trânsito enfeia a cidade.”

PDU tem que ser revisto

Em 1984 entrou em vigor o Plano Diretor Urbano (PDU) de Vitória. Sete anos depois, uma constatação: o plano tem de ser revisto, em função do que, efetivamente, a cidade “real”, que cresce paralelamente ao que foi planejado, determina. Que cidade se quer? Essa pergunta exige a reabertura de uma ampla discussão, para a qual a Prefeitura pretende convocar a comunidade. Mapas temáticos de infraestrutura, como água, energia elétrica, rede telefônica e drenagem, e também um zoneamento ambiental, já estão sendo elaborados, para subsidiar as discussões.

O PDU foi criado para disciplinar o crescimento da cidade. Ele foi estruturado para que o comércio e a indústria estivessem nos eixos principais. Dentro desse eixos ficaram as zonas residenciais, com um uso comercial voltado para o cotidiano dos moradores: farmácias, padarias, etc.

Mas a cidade cresceu muito. Por isso, os eixos já não comportam a demanda do comércio, e os bairros vêm sendo pressionados. Já se pode perceber, em alguns deles, escritórios de representação, lojas de informática, entre outras, como as casas lotéricas. O Conselho Consultivo do PDU, também em função da pressão do crescimento da cidade, teve de criar vias comerciais nos centros residenciais, para poderem funcionar os bancos por exemplo.

Vitória registra uma intensa renovação urbana — residências cedem espaço para estabelecimentos comerciais — e densificação — suas casas são substituídas por edifícios. O secretário municipal de Planejamento, Fernando Betarello explica que, se o PDU não for revisto, corre-se o risco de manter, na cidade, uma legislação como uma “verdadeira colcha de retalhos”. Afinal, a cidade ‘real’ difere da planejada.

O documento-diagnóstico de Vitória está concluído em outubro. A PMV elabora também um plano viário, com análise dos principais eixos e as perspectivas alternativas — um realinhamento, por exemplo, que determine recuos para ampliação da largura de ruas. Com bases no diagnóstico, ad qual a população terá acesso, será aberta a discussão sobre a cidade desejada. A proposta deve ser conhecida no final do ano e a revisão no plano envolverá a Câmara de Vereadores. Betarello diz que o PDU “segurou” a cidade, disciplinando a ocupação do seu espaço físico. “Sem ele, o caos seria maior”, garante o secretário.